

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

PIONEIRAS DO CINEMA PORTUGUÊS | RAQUEL SOEIRO BRITO, GEÓGRAFA II

28 de Maio de 2026

Erupção Vulcânica dos Capelinhos, Ilha do Faial – Açores / 1958

um filme de Raquel Soeiro de Brito

Equipa da Missão do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa: Orlando Ribeiro, Raquel Soeiro de Brito, António Ribeiro, Salvador Fernandes, Lucas da Silva *Direcção científica de* Orlando Ribeiro e Raquel Soeiro de Brito *Imagens* (16 mm): Salvador Fernandes (de 4 a 18 de Outubro de 1957), Raquel Soeiro de Brito (de 3 a 21 de Janeiro de 1958) *Montagem:* Raquel Soeiro de Brito *Missão do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa* (no artigo científico “Primeira Notícia da Erupção dos Capelinhos na Ilha do Faial” por Orlando Ribeiro e Raquel Soeiro de Brito, 1958): Baltasar Rebelo de Sousa (Subsecretário da Educação Nacional), Kaulza de Arriaga (Subsecretário da Aeronáutica), Freitas Pimentel (Governador Civil do Distrito Autónomo da Horta), José Agostinho, Frederico Machado, G. Zbyszewski, Torres de Assunção, Salvador Fernandes, Tomás Vargas, Eduíno Labesat, Carlos Peixoto, Manuel Duarte, motoristas da Polícia e dos Bombeiros Voluntários *Com:* Raquel Soeiro de Brito, Orlando Ribeiro, etc.

Produção: Centro de Estudos Geográficos Universidade de Lisboa (Portugal, 1958) *Cópia:* DCP – digitalização Ultra HD de um interpositivo de imagem 35 mm produzido em 2001 por altura da preservação da obra pela Cinemateca; o tratamento digital de imagem foi feito em 2023 com a referência de uma cópia de época; com comentário *off* em português por Raquel Soeiro de Brito, gravado em 2026 (informação não incluída no cartão inicial do DCP), cor, 34 minutos *Primeira apresentação pública* num Congresso Internacional de Geofísica em 1958 *Primeira apresentação na Cinemateca:* 16 de Novembro de 2018 (“70 Anos de Cinemateca no contexto do programa “Que Faremos Nós Com Esta Espada?”, com o título ERUPÇÃO DOS CAPELINHOS) *Primeira apresentação na Cinemateca, acompanhada por Raquel Soeiro de Brito:* 18 de Março de 2023, da versão original muda (“FilMar: Raquel Soeiro de Brito, Pioneira”, com MACAU e SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1960, 1964) *Primeira apresentação na Cinemateca* da versão de 2026 com comentário gravado de Raquel Soeiro de Brito.

Raquel Soeiro de Brito na Casa da Missão / 2021-2022

um vídeo de AvistaVulcão (Gonçalo Tocha, Sophie Barbara)

Realização: AvistaVulcão (Gonçalo Tocha, Sophie Barbara) *Imagem, Som:* Gonçalo Tocha *Imagens de arquivo:* ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS, ILHA DO FAIAL – AÇORES (1958) *Montagem:* Gonçalo Tocha, Sophie Barbara *Cântido de Espírito Santo:* Foliões do Capelo *Parceiros:* Associação Amigos do Farol dos Capelinhos, Junta de Freguesia do Capelo, Casa do Povo do Capelo, Irmandade do Espírito Santo do Capelo, Irmandade do Espírito Santo do Norte Pequeno, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Arquitectos Hom, Micro-Galeria Camarupa, Marina Lopes – Fotografia, Mano Brito – Designers *Com:* Raquel Soeiro de Brito, Sophie Barbara, população do Capelo e da Praia do Norte.

Produção: AvistaVulcão (Portugal, 2021-2022) *Cópia:* ficheiro digital, cor, falado em português, 36 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS, ILHA DO FAIAL – AÇORES, originalmente filmado em 16 mm, sem som, é apresentado numa versão digitalizada de alta-definição que integra, na banda de som, um comentário *off* em português por Raquel Soeiro de Brito, recolhido e gravado por Ricardo Vieira Lisboa e Joana Sousa em 2026 a pretexto desta sessão |

a apresentação em ficheiro digital do segundo filme da sessão apresenta um ruído de fundo constante decorrente das condições de projecção na sala | duração total da projecção: 70 minutos | **com a presença de Raquel Soeiro de Brito**

Mulher da câmara de filmar, Raquel Soeiro de Brito nunca se viu assim. Até porque dizê-lo assim não é rigoroso e ela própria continua a definir-se jovialmente, dobrados os cem anos, como geógrafa de campo. Geógrafa, investigadora, uma referência no estudo do território e da paisagem, autora de uma obra que potenciou a

Geografia Física e Humana, a primeira mulher a doutorar-se em Geografia em Portugal, em 1955, uma respeitada professora com muito trabalho de campo a partir de meados dos anos 1950, Raquel Soeiro de Brito integrou a Missão do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, dirigida por Orlando Ribeiro, de quem era assistente, quando da erupção do vulcão açoriano dos Capelinhos, na ilha do Faial. Havia passado meia dúzia de anos sobre a erupção no Fogo, em Cabo Verde, então acompanhada por Orlando Ribeiro e filmada por Salvador Fernandes (de que os espectadores contemporâneos terão visto excertos nos filmes CASA DE LAVA e AS FILHAS DO FOGO de Pedro Costa). Em Lisboa, foi Raquel Soeiro de Brito quem convenceu Orlando Ribeiro da urgência da Missão açoriana.

E foi Raquel Soeiro de Brito quem percebeu, em 1957, que teriam de partir para o Faial com uma câmara de filmar. Foi ainda ela quem procurou Salvador Fernandes para garantir a câmara e a película a embarcar para a ilha como instrumentos de trabalho da importância dos tubos de ensaio ou do termómetro de 400 graus que conseguiu levar consigo, e se dissolveu nas cinzas logo da primeira vez que nelas o enterrou para fazer medições. Levou-o também a ele, operador de câmara, que se entusiasmou com a ideia do vulcão, e com quem aprenderia a técnica de filmagem naquelas condições extremas e minimalistas. Aterrada “no vulcão” com o apoio das autoridades nacionais e locais uma semana após o início da erupção, a Missão teve duas fases, equivalentes à das filmagens: de 4 a 18 de Outubro de 1957 filmou Salvador Fernandes, de 3 a 21 de Janeiro de 1958 filmou Raquel Soeiro de Brito.

Também foi Raquel Soeiro de Brito que montou as imagens, “Eu seguia a mesma técnica que seguia no estudo: via tudo o que havia filmado e percebia que [o material em bruto] era demasiado longo. Ao cortar, estudava-os, e montava-os de acordo com o que mais se aproximasse do que havia visto.” – “A única coisa moderna era o cinema”, disse Raquel Soeiro de Brito a Tiago Bartolomeu Costa, numa entrevista de 27 de Fevereiro de 2023. Essa entrevista começa, de resto, pela caracterização da natureza do seu olhar sobre ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS, ILHA DO FAIAL – AÇORES naquele exacto momento: “[Olho para o filme] com a consciência de que não sou cineasta, e notando que podia ter feito de outra maneira. Foi a primeira vez, na minha vida, que peguei numa máquina de cinema.” E continua nesse passo – “Não podia ir para os Açores, e para aquele trabalho, sem uma máquina de filmar. Em meados do século XX, levar uma máquina fotográfica para um cenário destes, não era suficiente. Fotografar é instantâneo; é um momento, um segundo. Mas um filme dá [a ver] o que de importante que se passou durante a erupção. Não tinha [uma câmara], pedi-a emprestada a alguém que pertencia a um dos grupos da Mocidade Portuguesa que se interessava por cinema e fotografia. Não tinha dinheiro [para lhe pagar], só promessas [de que o dinheiro surgiria]. Quem me emprestou, pediu-me que, em compensação, o levasse, porque não tinha visto um vulcão. Levei mais de um ano para lhe conseguir pagar.”

Se foi a primeira vez que pegou numa câmara de filmar, Raquel Soeiro de Brito passou a servir-se de uma para os mesmos propósitos científicos que já contavam com o recurso à fotografia e à escrita em missões seguintes, em Moçambique, Macau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola ou Timor – territórios e populações dos seus filmes até 1973 (hoje depositados no Arquivo da Cinemateca), correspondendo a missões oficiais ditas ultramarinas no contexto colonizador do Portugal. Relatou a experiência em escritos científicos, fundamentais no estudo da ilha e da actividade vulcânica, sintetizou-a num texto-comentário a ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS do início dos anos 1980, e no que, recolhido há umas semanas, integra agora uma versão digitalizada e comentada do filme. Fê-lo em depoimentos e entrevistas recentes, fê-lo *in loco* para a população local, como se vê no comovente registo filmado do seu regresso aos Capelinhos aos noventa e cinco anos, promovido por Gonçalo Tocha (RAQUEL SOEIRO DE BRITO NA CASA DA MISSÃO, apresentado neste programa). Está tudo muito, felizmente, documentado, na primeira pessoa, com a vitalidade, a alegria, conhecimento, precisão científica que a caracterizam.

Sabemos assim que de cinema, sabia *ver*, e como entendeu que – cita-se de novo a entrevista a Tiago Bartolomeu Costa – “Era preciso saber focar o vulcão, e deixá-lo. Ele é que era o artista. E eu tinha uns bons

tripés para segurar a máquina. No vulcão, a máquina estava ou pousada na janela do meu quarto, ou em tripés onde podia. Ou na minha mão, para subir ao flanco. Levava a máquina na mão e o medo... A maneira de filmar este vulcão foi muito arcaica. Há uma parte que não se vê, que está completamente escuro, porque houve uma queda de cinzas brutal. Num dia lindíssimo de sol, as janelas ficaram todas cobertas de cinza.” Que teve de fazer o equilíbrio envolvido em cumprir as tarefas profissionais da universidade, a vida pessoal, a vida “de campo”. Que o fez com a energia que aliava ao gosto do que fazia. Que percorreu, fotografou e filmou incansavelmente os lugares da erupção, sabendo *olhar*. Que o vento esteve de feição, contrariando a regra da direcção que ali sopra. Que nos Capelinhos lhe ficou a faltar filmar o “vulcão explosivo”, distinto do “vulcão submarino”. Que os fenómenos vulcânicos das ilhas dos Açores são motivos de estudo extraordinários e que a duração da erupção de 1957, prolongada até Maio de 1958, em pleno Oceano, foi uma questão em si mesma. Que aquele vulcão foi considerado dos mais violentos vulcões da época, na apreciação de Haroun Tazieff. Ou que, no congresso internacional de geofísica onde o filme foi apresentado em 1958, um impressionado vulcanólogo inglês reconheceu, nas imagens dos Capelinhos, os efeitos dos bombardeamentos de Dunquerque na Segunda Guerra.

Afinal – escreveu Raquel Soeiro de Brito no seu comentário ao filme nos anos 1980 – “Uma erupção é uma das únicas ocasiões que o homem tem de ver formar a terra em que vive; há outras mas são ainda menos frequentes e, principalmente, menos espectaculares. Vulcões no mundo há uma série deles. Relacionados com um certo número de problemas de dinâmica estrutural, as ilhas dos Açores são uma dessas áreas mais importantes e de grande actividade. [...] O vulcão dos Capelinhos – o último –, que ocorre nas ilhas dos Açores (Outubro de 1957 a Outubro de 1958), insere-se dentro deste mesmo tipo. Nos Açores, o que nós sempre pudemos estudar, desde os tipos lávicos que deram o assentamento às ilhas, são tipos explosivos-stromboliano, estrato-vulcão, *vulcaneano*. O vulcão dos Capelinhos aí está a mostrá-lo uma vez mais. O vulcão teve um comportamento que não foi nunca igual e teve especialmente – o que se não vê no filme – duas emissões curtas de lava, que pela temperatura relativamente baixa nunca foram muito incandescentes e, portanto, não foi possível filmar em boas condições. O filme corresponde rigorosamente às fases mais explosivas.”

Explosões, cratera, bocas, bordas, jactos, lava, cinzas, vapores, humidade, lago, materiais friáveis, escoria, enxofre, erosão... são palavras do léxico científico que ficam na cabeça da espectadora leiga de uma projecção do filme com comentário, acentuando a sua dimensão científica de origem. A força da ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS extravasa, não obstante, essa preciosa vertente, extravasa a de *documento*, radica na natureza das próprias imagens que, não, o vulcão não fabricou sozinho. Na potência com que as imagens existem no filme, casadas com a potência vulcânica e a de quem soube olhá-la. Seja graças à posição da câmara, à cobertura das perspectivas, à proximidade e à distância, ou seja, à escala dos planos e à escala nos planos, à montagem das imagens (Raquel Soeiro de Brito terá montado duas versões, de 48 e 34 minutos, das quais a que vemos é a final). As vistas do farol (abandonado pelos faroleiros aos primeiros tremores de terra, antes da chegada da Missão), cada vez mais pequeno, em planos nos quais a dada altura parece flutuar entre vapores brancos, escuros ou rubros, exprimem exemplarmente a sensibilidade do olhar, além de cumprirem a aliança entre a observação e a representação daquela realidade. Também se pode notar, destacando apenas um outro aspecto da matéria das imagens filmadas por Raquel Soeiro de Brito, o plano na vertical, com a câmara voltada para cima, encarando vertiginosamente a altura atingida pelo vapor de água. A brutalidade do fenómeno, a força plástica das imagens, afirmam a existência cinematográfica de ERUPÇÃO VULCÂNICA DOS CAPELINHOS. E que Raquel Soeiro de Brito foi mesmo uma “mulher da câmara de filmar”.

As imagens em que, no seu filme, Raquel Soeiro de Brito surge em campo serão de 1957 (captadas por Salvador Fernandes), quando a geógrafa observou e calcorreou pela primeira vez aquela parte da ilha de lenço preso à cabeça, uma leve gabardine transparente, botas de cabedal enterradas no solo negro, o par de calças que fez furor entre os ilhéus que nunca haviam visto uma mulher de calças. Os fotogramas da sorridente Raquel Soeiro de Brito de caderno de notas na mão sentada na areia negra da paisagem vulcânica, voltada para a câmara,

condensam a imagem de uma mulher em trabalho. Um espectador de cinema lembrar-se-á dos planos de Ingrid Bergman filmada por Roberto Rossellini não muito tempo antes, em STROMBOLI (1950).

No fundo – palavras da geógrafa em 2023 –, estamos todos sobre vulcões. Tudo quanto eu filmei, foi para ajudar a ver e a compreender um fenómeno, no caso do vulcão, ou uma realidade, no caso dos outros filmes.

RAQUEL SOEIRO DE BRITO NA CASA DA MISSÃO, o filme da AvistaVulcão, “nome colectivo” de Gonçalo Tocha e Sophie Barbara, documenta o regresso de Raquel Soeiro de Brito à casa que habitou durante a Missão e que Tocha e Barbara tornaram sua antes de saberem dessa vida anterior daquela morada com vista oceânica. Se não é um filme – um vídeo, dizem eles –, trata-se do registo atento de uma ocasião especial, especialmente preparada, que o casal provocou ao convidar a “Professora Raquel”, que no Faial continua a ser conhecida como a “menina Raquel”, prestando-lhe a homenagem que envolveu as populações e os seus rituais, uma projecção ao ar-livre do filme na sua paisagem, a visita de Raquel à ilha, o reencontro com algumas pessoas e todos os lugares. “O que vale é que me rio disto tudo”, ouvimo-la dizer junto a uma ampliação em grande formato de uma fotografia sua pelos trinta anos. E ri, muito, nesta incursão-revisitação-homenagem em que põe alguns pontos em alguns iis, tratando de clarificar a lenda do seu desmaio ou que, ao contrário também do que a lenda imprimiu na ilha, o vulcão submarino dos Capelinhos era caracteristicamente silencioso.

Maria João Madeira